

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Deus, Rodrigo Moita de, 1977-

O direito ao ócio

<http://hdl.handle.net/11067/6895>

<https://doi.org/10.34628/fkbq-4695>

Metadados

Data de Publicação	2023
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T08:23:35Z com informação proveniente do Repositório

O DIREITO AO ÓCIO

Rodrigo Moita de Deus

DOI: <https://doi.org/10.34628/fkbq-4695>



Não é só uma questão de percepção. É o reflexo de qualquer coisa.

Ontem, os Homens de sucesso apresentavam-se de fato e gravata. Hoje de ténis, jeans e camisola de gola alta. Como quem vai trabalhar com a roupa que com passa o fim-de-semana fora. Fato e gravata é farda do escravo do escritório.

Ontem, os Homens de sucesso eram retratados com as imponentes barrigas de quem come e bebe os frutos do seu trabalho. Hoje são magros e robustos como quem tem tempo para passar tempo no ginásio.

Ontem, os Homens de sucesso apresentavam brancos. Lívidos. Quanto mais lívidos melhor. Até se maquilhavam para isso. Era a forma de explicar que não trabalhavam ao sol como o povo. Hoje apresentam-se morenos. E quanto mais queimados pelo sol, quanto mais demonstram que tiveram tempo para estar fora do escritório, melhor.

Ontem, os Homens de sucesso publicavam fotografias de importantes reuniões de trabalho, em destinos de trabalho e em fato de trabalho. Hoje publicam momentos de lazer, em destinos de lazer e em fato de banho.

Neste imaginário coletivo o trabalho deixou de realizar. É só um dever. Mais um.

Durante séculos gritou-se pelo direito ao trabalho. Hoje grita-se por menos trabalho. E com maiores vencimentos. O trabalho é uma obrigação, uma maçada, um obstáculo que nos rouba tempo e idade para o ócio. E o ócio, que era a antiga “oficina do diabo” é exigido e glorificado como um fim em si mesmo.

Nas televisões, nas redes sociais ou nos filmes vemos repetido um mantra que, até há pouco tempo, era considerado uma espécie de utopia: mais qualidade de vida, trabalhando menos e ganhando mais. Temos o direito a passar mais férias, em sítios melhores, em ter um apartamento maior, num sítio melhor e, de preferência, trabalhando menos. O “direito ao trabalho” deu lugar ao “direito ao ócio”. E o dever do trabalho tem que ser combatido. Aos poucos assistimos à inversão de velhos conceitos como a protestante ética do trabalho ou à santificação do trabalho da Opus Dei. Conceitos que, a bem ou a mal, fundaram a civilização ocidental como hoje a conhecemos.

E tudo isto é estranho. Estranho o momento. É momento presente que não estamos condenados ao trabalho numa mina. Ter máquinas que fazem o trabalho braçal. E outras que já conseguem fazer trabalho cerebral. É presente ter todo o saber, e todas as palavras, e todos os ditos e escritos, e todo o conhecimento na ponta dos dedos.

É presente que um Homem possa ser muito mais do que estudou ou muito mais do que a sua profissão. É presente que não estamos condenados à condição em que nascemos. É momento presente que nunca o Homem foi tão livre para ser tudo o que quis ser. Como pode querer tão pouco?